

ALGUNS ASPECTOS DA PEDAGOGIA DE ALAIN

1. Não creio que ALAIN (1868-1951), um dos mais notáveis pensadores franceses do nosso tempo, se tivesse algum dia considerado como um pedagogo. Não havia mesmo espírito mais avesso a classificações deste género. No entanto, o autor dos múltiplos *propos* ⁽¹⁾ pela originalidade das suas reflexões e das suas especulações sobre a educação, pela sua atitude e pelo seu exemplo de um dos mestres mais brilhantes e mais respeitados das escolas de França, pela profunda influência que exerceu sobre os discípulos que tiveram a felicidade de ouvir as suas prelecções ocupa, de facto, um lugar dominante nas ideias pedagógicas do nosso século.

Alguns pedagogos dirigem-se para as ciências da educação partindo de domínios do saber e disciplinas diferenciadas: há os que se iniciam pela Sociologia; há os que se dedicavam a especialidades médicas, principalmente a psiquiatria; há os que provêm da Biologia; há ainda aqueles que se interessavam apenas pela história das ideias... Mas ainda o maior número, tanto dos antigos como dos modernos, os construtores de um corpo de doutrina com as suas motivações culturais e as suas consequências pragmáticas, é a dos que se consagram à especulação filosófica.

(1) *Propos sur l'Éducation, Les Propos d'Alain, Propos sur l'Esthétique, Propos sur le Bonheur*, etc.

Não se pode negar — apesar do avanço das ciências experimentais da educação e dos seus resultados positivos — que existe uma relação íntima entre Filosofia e Pedagogia. Considerando aquela como uma reflexão sistemática sobre a essência e os objectivos da cultura, esta representa a realização e a transmissão de valores culturais. Assim a parte fundamental e básica da Pedagogia pode colocar-se a par de outras manifestações do conteúdo cultural da humanidade como a Religião, o Direito, a Arte e mesmo a Economia.

Além do propósito intencional das actividades educativas temos ainda de salientar que todas as funções e expressões da vida espiritual da humanidade pressupõem uma acção educativa pela própria razão da sua existência e dos efeitos que produzem ⁽²⁾.

2. No ponto de vista metodológico temos de notar que Alain ⁽³⁾ não elaborou, nem muito menos sistematizou, uma obra pedagógica. A sua doutrina educativa resulta sòmente de circunstâncias acidentais da sua atitude filosófica perante os problemas da cultura.

Como sabem todos os leitores de Alain o género literário que ele mais cultivou foram os «propos», palavra dificilmente traduzível em português mas aproximada do sentido de «comentários», «sentenças», «máximas» e «prolóquios». Os «propos» foram primeiramente publicados em jornais de cidades da Província onde Alain exerceu funções docentes. Era através destes trechos, aparentemente acessíveis mas por vezes de difícil interpretação, que ele exprimia de uma maneira um tanto improvisada, livre, paradoxal, mas sempre brilhante, os seus pensamentos sobre política, filosofia, reli-

⁽²⁾ Augusto Messer, *Fundamentos Filosóficos da Pedagogia*, trad. esp. pp. 1-16.

⁽³⁾ De seu verdadeiro nome, Emílio Chartier; Alain foi um pseudónimo literário. Nascido em 1868, em Mortagne, pequena cidade da Normandia, filho de um veterinário. Diplomado pela Escola Normal Superior de Paris. «Agrége» da Universidade foi sòmente professor dos liceus de Lorient, Rouen e Paris. Combatente voluntário da primeira guerra mundial. Retirado do ensino aos 61 anos, morreu com 83 anos, em 1951.

gião, literatura, arte e outras manifestações sociais. As suas principais reflexões sobre a educação foram reunidas nos «Propos sur l'Éducation» (4). Apesar desta propositada dispersão e, por vezes, repetições, podemos reconstituir uma pedagogia de Alain.

3. *Finalidade da Educação.* Para Alain todo o esforço educativo deve conduzir à formação do carácter do educando. Os ingredientes e os processos podem ser os mais variados, mas é ainda esta a pedra de toque da transformação da natureza humana. «É mais fácil mudar os homens que conhecê-los. Quando digo mudá-los quero dizer sempre uma variação muito pequena mas que é suficiente» (XXII). É evidente — segundo as próprias expressões do autor — que o poder da educação tem os seus limites. Creio — acrescenta ainda ele — que «as naturezas são imutáveis no que é essencial; mas este fundo estrutural e de humores está por debaixo do bem e do mal». Há, portanto, a possibilidade de se atingir a perfectibilidade do indivíduo, da preferência moral do bem sobre o mal... Os conceitos de Alain são optimistas. O educador pode exaurir dos seus «propos» normas de conduta e uma lição salutar para o exercício da sua missão.

No entanto, equela transformação só pode ser alimentada pela vontade. É ela que modela e robustece todos os caracteres. Para Alain a inteligência não é essa faculdade maravilhosa de apreender facilmente os factos e as ideias. «Pode ser-se tão inteligente quanto se queira desde que se tenha vontade para o ser» — insiste ele (XXIV). As virtudes que tornam o homem inteligente são a paciência, a prudência, a confiança e, sobretudo, o trabalho. Alain quando se dispunha a observar as qualidades nos homens não o fazia pela altura da testa mas pela forma do queixo. A etimologia das próprias palavras esclarece-nos sobre a identidade da vontade

(4) Edição, última, das *Presses Universitaires de France*. Os números entre parêntesis referem-se aos «propos» que mantêm a mesma numeração em todas as edições.

com a inteligência. *Imbecil*, do latim *imbecillis*, quer dizer simplesmente «fraco de vontade».

Não há mais rematada tolice do que afirmar-se que um aluno é inteligente e outro não... Pode mesmo adiantar-se que as provas exigidas pelos professores aos seus discípulos, os exercícios e os exames, são mais úteis para a formação da vontade — a vontade de vencer as dificuldades — do que para averiguar da sua inteligência. Ao mestre compete não tanto inquirir dos conhecimentos dos alunos, mas antes experimentar a vontade deles. É na força do querer que reside o orgulho e a alegria do homem. Não há outro valor humano que lhe seja superior...

É em Descartes que se encontram as raízes deste conceito de vontade, Descartes que era para Alain «o mestre mais lúcido que jamais se havia visto». Pensava ele, de acordo com a filosofia cartesiana, que a vontade era o único meio de nos tornarmos senhores das nossas paixões. Quem não sabe querer compromete a sua dignidade e perde a sua liberdade. Se o homem dispõe do livre arbítrio é para usar dele...

Assim o ensino, a função propriamente escolar, coloca-se na linha de formação moral e intelectual do educando. A escola não pode ser — daí o afastamento e a oposição de Alain a muitos processos da «escola activa» — um centro de aprendizagem, aprendizagem manual. «A aprendizagem é o contrário do ensino» — afirma ele (XXIX). Ao aprender um ofício o indivíduo não se forma — deforma-se. A técnica é um pensamento sem palavras, um pensamento das mãos e da ferramenta. É um pensamento — acrescenta paradoxalmente — que recebe o pensamento. Há nela qualquer coisa da condição do escravo. E Alain compraz-se em imaginar o Egipto antigo como um povo de técnicos...

Pelo contrário, a escola participa do sentido do trabalho pelo seu lado sério, mas, por outro lado, foge às leis severas do trabalho. Só na escola é permitido raciocinar. Não importa que os resultados sejam errados desde que a marcha do raciocínio seja lógica. É pelo raciocínio que se formam os homens que confiam na sua própria inicia-

tiva, nas suas próprias forças, no seu próprio julgamento — o que não se consegue sem erros ⁽⁵⁾.

Mas, como racionalista, Alain atribui especialmente à educação um sentido democrático. Não aquele que se generalizou de a tornar um meio de promoção social. A educação, assim concebida, envolveria uma distinção entre aptidões propriamente técnicas e a vocação para lugares qualificados. Isto é, a formação apenas de escol, deixando na sombra o maior número de indivíduos. Ora todos merecem o mesmo tipo de educação. O papel da democracia é o de formar cidadãos esclarecidos — e todos os cidadãos podem ser esclarecidos (XX). A arte de instruir não deve ser apenas reservada aos alunos prodígios, aos génios. Estes surgem logo ao primeiro chamamento e conseguem romper o matagal. Não há nenhum homem — aduz ainda Alain — que não possa pensar para além da sua profissão. Não somente poderá reflectir sobre as coisas divinas e humanas, mas ainda decidir sobre as questões públicas.

Nesta perspectiva, o filósofo aproxima-se do conceito de educação preconizado pelos enciclopedistas e pelos ideólogos da Revolução Francesa que consideravam a formação do «cidadão» — o cidadão da nova ordem revolucionária — como o objectivo imediato da valorização social.

No ponto de vista das suas relações com a cultura, o conteúdo do ideário de Alain inclui outros valores representativos.

O pensamento do homem não se pode constituir sem um passado — afirma ele. Neste aspecto, as humanidades clássicas têm ainda um importante papel a desempenhar no enriquecimento cultural da juventude. Nos autores antigos, a criança descobre o mundo maravilhoso feito à imagem das suas tendências psicológicas. «O mundo homérico — comenta Alain — é o «Far-West» na Escola» ⁽⁶⁾. As páginas imortais da literatura — expressões de beleza eterna — devem colocar-se ao seu alcance. Nem é preciso que ela compreenda

⁽⁵⁾ Cit. in George Pascal, *Alain Éducateur*, Presses Universitaires de France, 1964, p. 50.

⁽⁶⁾ Pascal, op. cit. p. 65.

tudo aquilo que lê e que decora. Basta que seja sensível às harmonias da frase. Mais tarde apreenderá o sentido oculto de todos estes tesouros (V).

É necessário ler, ler sem descanso. É pela leitura das obras-primas que se nos revela o mundo dos símbolos, das paixões e das ideias universais. A ordem humana transparece nas regras de expressão literária. É já um princípio de disciplina obedecer a estas regras, mesmo que sejam apenas regras ortográficas.

É pelo convívio com os poetas, os contistas e os oradores que se aprende a pensar e a viver humanamente. Alain cita o exemplo de Augusto Comte, um dos seus mais respeitados mestres, que teve nos seus verdes anos uma educação puramente científica. Reconheceu o erro na idade madura, acabando por onde devia ter começado (XXV).

Este predomínio da cultura literária na educação não significa o menosprezo da cultura científica para a qual o autor dos *Propos* era também excepcionalmente dotado. No entanto, o ensino das ciências não deve ser tanto dirigido aos conhecimentos, às últimas novidades, às descobertas mais recentes, mas à formação do espírito científico. A ordem das ciências nos programas escolares deve ser a preconizada por Augusto Comte: Matemática, Astronomia, Física, Química, Biologia e, finalmente, a Sociologia. Isto é, a ordem que vai do simples ao complexo e do abstracto ao concreto (7).

A ciência ensinada na escola convém que seja entrevista num ponto de vista pedagógico, na maneira de nos preparar para a descoberta das hipóteses correctas, que são as hipóteses positivas. Começar pelas noções mais simples tal como as conceberam os primeiros autores. «Seria uma empresa louca — explica Alain — mesmo para um homem na pujança da sua vitalidade reter os conhecimentos na sua última fase». O ensino deve ser retardatário. Só assim se pode acompanhar a marcha dos progressos humanos e tirar dela a lição mais profícua (XXVII).

(7) Pascal, Op. cit., pp. 78-79.

4. *Concepção da Escola.* Uma das concepções mais originais da Pedagogia de Alain é a da Escola, a Escola como meio insubstituível para a educação da criança. Por este aspecto, as suas ideias pedagógicas são inspiradas pela contemporaneidade de um factor educativo tal como ele se formulou desde o século passado. Essa Escola é naturalmente a Escola francesa, com origem nos doutrinários da Revolução e consolidada pelos seus continuadores, organizada segundo os moldes do laicismo dominante e da formação dos seus agentes de ensino. É a Escola em que se forjou o pensamento racionalista e um tipo de civilização que predominou no mundo ocidental.

Alain consagra à Escola muitos dos seus *propos* e ainda reflexões esparsas em diversas obras. Como já expusemos antes, o conteúdo da educação — a educação ministrada por essa Escola — limitar-nos-emos agora a apresentá-la no seu funcionamento, na sua fisionomia sociológica, nos seus resultados pedagógicos.

Se o filósofo se manifesta displicentemente em relação à Psicologia, toma outra atitude quanto à Sociologia. As suas ideias sobre a «psicologia do grupo», o grupo escolar ou o «peuple d'enfants», como ele se lhe refere, estão de acordo com as mais modernas concepções sociológicas. A Escola para Alain «é propriamente a sociedade das crianças. É, e deve estar, separada da natureza». É ali que elas encontram forças condizentes com as suas. Verifica-se então que a Escola é uma sociedade de um certo género bem distinta da que se forma na família. Também distinta da dos homens com as suas condições próprias, a sua organização própria e, até, com o seu culto e as suas paixões (XV).

Uma das manifestações da efectividade das crianças é a necessidade imperiosa do convívio com outras crianças da sua idade. Se elas estão ligadas à família por laços muito fortes, também se sentem atraídas por seducções não menos naturais com os seus semelhantes.

Os sociólogos que se dedicam ao estudo dos costumes dos povos primitivos ainda não se debruçaram sobre os costumes das crianças — «povo mal conhecido» — acentua Alain. A maior parte das observações sobre o comportamento infantil tem como teatro a família. Mas qual o psicólogo

que as observou no seu meio próprio, nas relações com os indivíduos da sua espécie? Aí as crianças não são melhores, nem são piores — são diferentes, porque não as movem os sentimentos como acontece no ambiente familiar. (XII e XIII).

No meio escolar exprimem os sentimentos do grupo e tornam-se selvagens. Alain sublinha então: «Se pensarmos que este ser colectivo se assemelhará pelas suas reacções, pelas suas opiniões e pelas suas paixões aos indivíduos que o compõem cairemos num erro e seremos vítimas de um insulto constante expresso por cinquenta fisionomias diferentes».

Em relação à presença do professor esta pequena multidão pode ser agitada por sentimentos contraditórios — os sentimentos de todas as multidões. O silêncio é tanto contagioso como é o riso e a troça. Todos os mestres, com experiência de ensino e de convivência com os alunos, têm a noção destas realidades. «Todos os alunos sentem — precisa ainda Alain — que são partes de um elemento cego; têm a percepção que esta força colectiva é irresistível. As suas reacções não são efeito da maldade mas de um pensamento intencional». Estamos em presença de um fenómeno de psicologia colectiva que o professor tem de conhecer para que o exercício da sua autoridade seja tão útil como oportuno.

A Escola é assim uma unidade sociológica completamente separada do mundo exterior, dos ruídos de fora, «fechada em si própria». Deve ter o carácter da simplicidade monástica. É neste noviciado que a criança adquire as ideias que lhe fornecem a explicação do mundo. A Escola não é, pois, uma oficina, nem um laboratório, nem um local de recreio, mas o instrumento que ajuda a criança a elevar-se à sua condição de homem (XVII).

5. *Os métodos didácticos.* É, sobretudo, na metodologia do ensino que certas inovações da escola activa se opõem aos processos didácticos aconselhados por Alain.

Ao interesse, hábilmente suscitado na criança ou no adolescente, substitui ele o esforço, a aplicação, a multiplicidade dos exercícios; em lugar das matérias ligadas às actividades circumjacentes do aluno, preconiza as antigas disciplinas como sejam a geometria, «a chave da natureza» (XIX)

e o latim, as humanidades, representadas nas obras-primas da literatura. É especialmente o latim que concentra todas as suas preferências: «É mais próximo de nós; é a nossa língua no seu primeiro estágio». Não somente por este aspecto semântico, mas também pela construção da frase. Os gestos, a atitude, as paixões e até a nossa ginástica muscular está relacionada com aquela língua. Os circunlóquios do latim têm o mérito de concluir os nossos pensamentos à maneira de um gesto (LXXI).

Aos jogos, às actividades construtivas ou mesmo fabris, aos ambientes reconstituídos pela Escola moderna, em que a criança ou o adolescente se torna o figurante essencial de todos os empreendimentos, Alain, prefere sempre a atenção concentrada, a disciplina imposta, a validade dos exercícios tradicionais.

Não se pode inferir, porém, destas afirmações que Alain seja um acérrimo defensor dos métodos rotineiros da antiga Escola. Pelo contrário: ele condena todas as habilidades, os artificialismos, os subterfúgios com que se comprazem alguns professores. Neste aspecto a sua concepção de Pedagogia aproxima-se daqueles que procuram tornar a Escola um centro de actividade.

Admite, como outros didactas, as famosas «lições de coisas», um dos pontos mais reclamados dos métodos activos. Mas somente as coisas simples, aquelas que levam o aluno a uma «primeira ideia da necessidade exterior». Estas são *perfeitamente aceitáveis quando se trata de instruir pelas* noções do número e da grandeza, isto é — a aritmética e a geometria. Para além dos números e das figuras não há observação no mundo que não nos engane e que não possa ser corrigida (LXII). O que torna condenáveis as lições de coisas é o domínio que elas possam exercer no espírito das crianças, impedindo a formação das ideias. Não é admissível que o poder de observação, aliás muito desenvolvido nelas, supere o da interpretação (LXI). Por consequência, a observação e a experimentação são métodos, que convém utilizar, mas desde que não embotem a faculdade dos alunos pensarem por si próprios.

Alain atribui à leitura a importância de um exercício escolar privilegiado. Como na escola activa preconizava mesmo a introdução da impressão na aula à maneira de Freinet ⁽⁸⁾.

Ler «fácilmente, vivamente, sem esforço, de maneira que o espírito se desprendia dos caracteres e possa dar atenção ao sentido». A leitura é sempre recomendável não somente em relação aos textos escolhidos para esse efeito, mas ainda em todas as outras lições. «Ler-se-ia a história, a geografia, a higiene e a moral. E, se em todas estas leituras se fixasse apenas a arte de ler, já ficaria contente» (XLII).

Contrariamente a um esquema pragmático como o de John Dewey (1859-1952) não é à criança que compete escolher as actividades escolares que correspondam aos seus interesses imediatos. É ilógico que se lhe dê a escolher o que ela ignora. O catecismo recomendado pela experiência secular da Igreja Católica é o sinal bem claro desta verdade. Nele se consignaram os princípios essenciais da sabedoria dos teólogos. E nenhum catecúmeno se pode recusar a aprendê-lo (XIX).

Como se pode deduzir deste breve esboço, toda a preocupação de Alain é a rejeição dos métodos que conduzam à facilidade. O sistema de instruir divertindo só merece um pontapé... (II). Vai de encontro aos reais interesses da criança, não aos interesses de momento, mas aqueles que a destinam para exercer a condição de adulto a que ela aspira. Psicologicamente mesmo o ofício de brincalhão é desprezado pelos alunos (V). Todo o problema da educação é o de levar a criança a interessar-se por coisas que em si próprias não lhe interessam ⁽⁹⁾.

Para Alain importa aprender dificilmente as coisas fáceis (I). Como já vimos atrás, só no esforço se encontra o verdadeiro prazer, na vitória contra todos os obstáculos. Não acredita na *invenção espontânea*, na *originalidade* da expressão infantil. Só existe um método de inventar — o de imitar. A arte de aprender reduz-se a imitar longamente, a copiar longamente... (LIV).

⁽⁸⁾ Cit. in Pascal, pp. 99-100.

⁽⁹⁾ Id., p. 91.

Jean Château — também professor de Pedagogia — colocando Alain na galeria dos grandes pedagogos, considera que ele foi porventura o maior de todos, a par de Montaigne, Comenius e Rousseau⁽¹⁰⁾. De facto, Alain legou-nos uma obra de reflexão pedagógica, ainda não suficientemente estudada e, pelo menos, bastante desconhecida entre nós, de uma afirmação pessoal e de profundidade de pensamento, de coerência na sua aparente dispersividade, de uma riqueza de conceitos e de sugestões que se pode considerar uma lição de valor permanente e uma fonte inesgotável de ensinamentos para todos os que se dedicam à missão educativa.

Dezembro de 1970.

Ávila de Azevedo

(10) *Les Grands Pédagogues*, P. U. F., p. 360.